

Vade Mecum Espírita

APOSTILAS VADE MECUM

Parábola do Mordomo Infiel

(SÉRIE ESPÍRITA NÚMERO VINTE UM)

Contato: Fones 19 (R) 3433-8679 - 97818905

Piracicaba - SP

Dezembro de 2020

ÍNDICE

BÍBLIA.....	03
PARÁBOLAS E ENSINOS DE JESUS.....	03
SÍNTESE DE O NOVO TESTAMENTO.....	07
FONTE VIVA.....	07
O LIVRO DOS EVANGELHOS.....	08
PARÁBOLAS QUE JESUS CONTOU E VALEM PARA SEMPRE.....	08
PARA UMA VIDA SAUDÁVEL.....	09

Bíblia

S. Lucas 16. V.1-13

Diversos

16 1 - E DIZIA também aos seus discípulos: Havia um certo homem rico, o qual tinha um mordomo; e este foi acusado perante ele de dissipar os seus bens.

2- E ele, chamando-o, disse-lhe: Que é isto que ouço de ti? Dá contas da tua mordomia, porque já não poderás ser mais meu mordomo.

3- E o mordomo disse consigo: Que farei, pois que, o meu senhor, me tira a mordomia? Cavar, não posso; de mendigar, tenho vergonha.

4- Eu sei o que hei de fazer, para que, quando for desapossado da mordomia, me recebam em suas casas.

5- E, chamando a **si** cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro; quanto deves ao meu senhor?

6- E ele respondeu: Cem medidas de azeite. E disse-lhe: Toma a tua obrigação, e, assentando-te já, escreve cinquenta.

7- Disse depois a outro: E tu quanto deves? E ele respondeu: Cem alqueires de trigo. E disse-lhe: Toma a tua obrigação, e escreve oitenta.

8- E louvou aquele senhor o injusto mordomo por haver procedido prudentemente, porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração ¹do que os filhos da luz.

9- E eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da injustiça; para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.

10- Quem é fiel no mínimo, também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito.

11- Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?

12- E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?

13- Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de aborrecer um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom

¹ - João 12.36: Enquanto tendes luz, crede na luz, para que sejais filhos da luz. Estas coisas disse Jesus; e, retirando-se, escondeu-se deles. – Ef. 5.8. Porque noutra tempo ereis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz.- I Tess. 5.5 Porque todos vós sois filhos da luz e filhos do dia; nós não somos da noite nem das trevas.

Parábolas e Ensinos de Jesus

1ª Parte Cap. XXI (100)

Cairbar Schutel

O sentido oculto desta parábola visa a estas duas qualidades, pelas quais se reconhece a bondade ou a maldade do homem: *fidelidade e infidelidade*.

Fidelidade é a constância, a firmeza e a lealdade com que agimos em todos os momentos da vida: na abundância como na pobreza, nas eminências dos palácios como na humildade das choupanas, na saúde como na enfermidade, e até nos umbrais da morte como no apego da vida.

O Apóstolo Paulo, demonstrando sua lealdade, sua constância, sua fidelidade, sua firmeza de caráter, dizia: “Quem me separará do amor de Cristo?”

A fidelidade é a pedra de toque com que se prova o grau do caráter do homem.

É fiel nos seus deveres? Tem forçosamente todas as qualidades exigidas ao homem de caráter: reconhecimento, gratidão, indulgência, caridade, amor, porque a verdadeira fidelidade não se manifesta com exceções ou preferências. Aquele que caminha para se aperfeiçoar em tudo, obedece à sentença de Jesus: “Sede perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celestial.”

Pelo que se conclui: expondo a parábola, Jesus teve por fim exortar seus discípulos a se aplicarem nessa virtude, que se chama *fidelidade*, para que pudessem um dia representá-la condignamente, tal como se manifesta nos Céus.

Como tudo na Natureza e como tudo o que se faz mister para a perfeição, quer no plano físico ou na esfera intelectual e moral, a fidelidade vai-se engrandecendo em nós à proporção que nela nos aperfeiçoamos. Não a adquirimos de uma só vez em sua plenitude, mas paulatinamente, gradativamente. E aquele que já a possui em certo grau, como o “administrador infiel” da parábola, faz jus à benevolência divina.

Pelo estudo analítico da Parábola vemos que o *administrador* foi acusado por alguém, ou por outra, foi denunciado como esbanjador dos bens de seu patrão, pelo que este resolveu chamá-lo à ordem, perguntando-lhe: “O que quer dizer esta denúncia que tive de ti? Dá conta da tua administração; pois dessa forma não podes mais ser meu empregado.”

Pela prestação de contas verificou-se não ter havido esbanjamento, mas sim facilidade em negócios, que prejudicaram o patrão. O prejuízo constava de vendas feitas sem dinheiro e sem documentos: *cem cados de azeite e cem coros de trigo*. Tanto assim que, legalizadas as contas, com as letras correspondentes ao valor de *cinquenta cados de azeite e oitenta coros de trigo*, “o amo louvou o administrador iníquo, por *haver procedido sabiamente*. E salientando a seus discípulos a boa tática comercial do empregado que não só garantia a empresa que lhe fora confiada, mas também constituía um bom meio de granjear amigos, disse-lhes: “Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade, para que, quando estas vos faltarem, vos recebam eles nos tabernáculos eternos.” É o mesmo que dizer: auxiliai, com as vossas sobras, os que têm necessidade e sede também indulgentes para com os pecadores, não lhes imputando o mal que fazem; mas antes, ao que deve *cem cados de mal*, mandai-o escrever só cinquenta, e, ao que deve *cem coros de erros*, mandai-os escrever *oitenta*, mas observai-os, que precisam trabalhar para resgatar essa dívida. Fazei como fez o *administrador infiel*, assim chamado pelos seus acusadores, mas que, na verdade, *procedeu sabiamente*, “porque quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito.”

“Se não fostes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará as verdadeiras? E se não fostes fiéis no alheio quem vos dará o que é VOSSO?”

As riquezas da iniquidade são os bens materiais, dos quais não somos mais que depositários; são riquezas injustas e não são NOSSAS, porque não prevalecem para a OUTRA VIDA.

O que é NOSSO são os bens incorruptíveis, dos quais Jesus falou também a seus discípulos, para que os buscassem de preferência, porque “os vermes não os estragam, a ferrugem não as consome, os ladrões não os alcançam nem a morte os subtrai.”

Os discípulos, — como têm obrigação de fazer todos os que querem ser discípulos de Jesus — deveriam servir somente a Deus, que é o AMO, não se escravizando a qualquer inconsciente endinheirado ou pseudossábio que lhe queira dominar a consciência: não se pode servir a Deus e a Mamom! *

Conclui-se de tudo o que acabamos de ler que o título de *infiel*, dado ao *administrador*, foi mal aplicado, torcendo por completo o sentido que Jesus deu à mesma parábola.

A palavra divina, pelo ser falha quando de humana interpretação, faz-se mister recorrermos às Entidades Superiores do Espaço, para que lhe compreendamos sempre o sentido em espírito e verdade.

Síntese de O Novo Testamento

Parábola do administrador infiel (141)

(Luc., 16:1 a 12)

Minimus

Disse também Jesus a seus discípulos: — “Havia um homem rico que tinha um administrador, e este lhe foi denunciado como esbanjador dos seus bens. Chamou-o e perguntou-lhe: Que é o que ouço dizer de ti? dá-me conta da tua administração; pois já não poderás mais ser meu administrador. — Disse o administrador de si para si: Que hei-de fazer, já que o meu amo me tira a administração? — Cavar, não posso; de mendigar, tenho vergonha. Sei o que farei, a fim de que, quando for despedido do meu emprego, haja quem me receba em sua casa. — Tendo chamado cada um dos devedores do seu amo, perguntou ao primeiro: Quanto deves ao meu amo? — Respondeu ele: Cem medidas de azeite. Disse-lhe então: Toma a tua conta, senta-te depressa e escreve cinquenta. — Depois perguntou a outro: E tu quanto deves? — Respondeu ele: cem alqueires de trigo. — Disse-lhe: Toma a tua conta e escreve oitenta.

“O amo louvou o administrador infiel por haver procedido prudentemente; pois os filhos deste mundo são em sua geração mais prudentes do que os filhos da luz. Eu vos digo: Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade, para que, ao vos faltarem estas, vos recebam eles nas moradas eternas. Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito. Se, pois, não fostes fiéis nas riquezas vãs, quem vos eoçfiará as verdadeiras? Se não fostes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso?”

Fonte Viva

⁷⁵
ADMINISTRAÇÃO

“Dá conta de tua administração.”
— Jesus. (LUCAS, 16:2.)

Emmanuel

Na essência, cada homem é servidor pelo trabalho que realiza na obra do Supremo Pai, e, simultaneamente, é administrador, porquanto cada criatura humana detém possibilidades enormes no plano em que moureja.

Mordomo do mundo não é somente aquele que encanece os cabelos, à frente dos

interesses coletivos, nas empresas públicas ou particulares, combatendo tricas mil, a fim de cumprir a missão a que se dedica.

Cada inteligência da Terra dará conta dos recursos que lhe foram confiados. A fortuna e a autoridade não são valores únicos de que devemos dar conta hoje e amanhã.

O corpo é um templo sagrado.

A saúde física é um tesouro.

A oportunidade de trabalhar é uma bênção.

A possibilidade de servir é um obséquio divino.

O ensejo de aprender é uma porta libertadora.

O tempo é um patrimônio inestimável.

O lar é uma dádiva do Céu.

O amigo é um benfeitor.

A experiência benéfica é uma grande conquista.

A ocasião de viver em harmonia com o Senhor, com os semelhantes e com a Natureza é uma glória comum a todos.

A hora de ajudar os menos favorecidos de recursos ou entendimento é valiosa.

O chão para semear, a ignorância para ser instruída e a dor para ser consolada são apelos que o Céu envia sem palavras ao mundo inteiro.

Que fazes, portanto, dos talentos preciosos que repousam em teu coração, em tuas mãos e no teu caminho? Vela por tua própria tarefa no bem, diante do Eterno, porque chegará o momento em que o Poder Divino te pedirá: — “Dá conta de tua administração.”

O Livro dos Evangelhos

8.14 (243)

Emídio Silva Falcão Brasileiro

PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR INFIEL

LUCAS

16:1-17

8.14. Disse ainda Jesus a seus discípulos: Havia um homem rico que tinha um administrador, e este lhe foi denunciado como dissipador de seus bens.

Ele mandou chamá-lo e lhe disse: “Que é isso que ouço dizer de ti? Presta contas de tua administração, porque já não podes mais administrar!”

Então disse o administrador consigo mesmo: “Que farei, pois que, o meu senhor, me tira a administração? Não tenho forças para trabalhar cavando a terra e tenho vergonha de mendigar. Mas, já sei o que vou fazer para que, quando for afastado da administração, encontre quem me receba em sua casa”.

Assim pois, tendo chamado cada um dos devedores do seu senhor, disse ao primeiro: “Quanto deves ao meu senhor?” Ele respondeu: “Cem barris de óleo”. Disse-lhe então: “Toma tua conta, senta-te depressa e escreve cinquenta”.

Depois perguntou a outro: “E tu, quanto deves?” Ele respondeu: “Cem medidas de trigo”. Ele disse: “Toma tua conta e escreve oitenta”.

E o senhor louvou o administrador infiel por ter agido com prudência. Pois os filhos deste século são mais prudentes com sua geração do que os filhos da luz.

Portanto eu vos digo: Fazei amigos com as riquezas da iniquidade, a fim de que quando estas vos faltarem, eles vos recebam nas tendas eternas.

Que é fiel nas coisas mínimas, também é fiel no muito, e quem é injusto no pouco, também é injusto no muito.

Se, pois, não fostes fiéis nas riquezas injustas, quem vos confiará a verdadeira riqueza? E se não fostes fiéis no bem alheio, quem vos dará o que é vosso?

Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas”.

Ouviam tudo isso os fariseus, que eram apegados ao dinheiro, e zombavam dele. Jesus, porém, lhes disse:

“Vós outros tendes grande cuidado de parecer justos diante dos homens, mas Deus conhece vossos corações, pois o que é elevado entre os homens, é abominável diante de Deus.

A Lei e os Profetas foram até João! Daí em diante, é anunciada a Boa Nova do Reino de Deus, e todos se esforçam para entrar nele. Porém, é mais fácil passar o céu e a terra, do que cair um til da Lei”.

Parábolas que Jesus contou e valem para sempre

Cap. VIII – 1 (105)

Therezinha de Oliveira

Havia um homem rico que tinha um mordomo. E este foi denunciado perante ele por lhe haver dissipado bens. Chamou-o e lhe disse: Que é isto que ouço falar de ti? Presta contas de tua mordomia, pois já não poderás ser mais meu mordomo. O mordomo refletiu, então, consigo: Que farei, visto que, o meu senhor, me tira a mordomia? Lavar a terra não posso. De mendigar tenho vergonha. Já sei o que hei de fazer para que haja quem me receba em sua casa, quando for desapossado da mordomia. E, chamando separadamente a cada um dos devedores do seu senhor, perguntou ao primeiro: - Quanto deves ao meu senhor? -100 barris de azeite. - Toma a tua obrigação, senta-te já e escreve: 50. Depois, disse a outro: - E tu, quanto deves? -100 sacas de trigo. - Toma as tuas letras e escreve: 80. E elogiou aquele senhor o mordomo infiel por haver procedido prudentemente; porque os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz.



E eu vos digo: granjeai amigos com as riquezas da iniquidade, para que no dia em que elas vos faltarem, eles vos recebam nos tabernáculos eternos.

Observação: As medidas usadas foram cados (para o azeite) e coros (para o trigo) diz Carlos Torres Pastorino, em *Sabedoria do Evangelho*, volume 6, página 26. Aqui as adaptamos para as medidas mais usadas entre nós.

A difícil interpretação

Esta parábola foi registrada apenas por Lucas e sua interpretação, no aspecto moral, parece muito difícil, em princípio, porque: um homem dissipa os bens do seu senhor, é denunciado e vai ser demitido; para conseguir a benevolência e ajuda dos que devem ao senhor, frauda na prestação das contas. E é elogiado?! E Jesus nos diz para imitá-lo?! Parece uma exaltação da esperteza desonesta! Jamais o Mestre ensinaria algo moralmente mau. Para alcançar o verdadeiro sentido da parábola, aprofundemo-nos em seu simbolismo.

Que é um mordomo

A expressão vem do latim *maior domus* (o maior na casa) e designa o chefe dos criados de um soberano ou de uma casa de grande estado. Sua função é administrar a casa, os bens do Senhor, e supervisionar o trabalho dos demais servos, empregados, com eficiência e fidelidade. Foi o que não fez o mordomo da parábola. Como consequência está perdendo o emprego e tem de fazer logo uma prestação de contas de tudo ao seu senhor.

Ante a situação

Que hei de fazer? pergunta-se ele.

Está preocupado, mas não desanimado nem inerte. Examina a situação, procurando uma solução, verificando as alternativas.

Lavrar a terra? Não posso! Por que não? Há muito tempo estava realizando apenas o trabalho de organização e administração dentro de casa, evidentemente estaria destreinado, sem condições físicas para voltar ao serviço braçal no campo, sob o sol inclemente, cavando a terra.

Mendigar? Tenho vergonha! Até agora dispunha, mandava, distribuía em nome do Senhor. Seria muito humilhante para ele passar a pedir o socorro de outros, ou ficar na dependência de alguém.

Já sei o que hei de fazer. Encontrou uma solução que o beneficiaria. E se pensou, logo colocou em prática, antes que se vencesse o prazo dado pelo senhor, enquanto ainda tinha poder para decidir alguma coisa.

Por isso o senhor o elogiou. Não pela desonestidade, mas porque fora hábil no decidir e rápido no agir, conseguindo resolver de imediato o seu problema pessoal e, ainda, abrir perspectivas melhores para o seu futuro.



A atualidade da parábola

Por que Jesus contou essa parábola aos que o ouviam? Talvez achasse que a situação espiritual deles estivesse tão difícil e premente quanto a do mordomo infiel, especialmente os que administravam a nação israelita: os sacerdotes, os anciãos e os fariseus.

Mas o ensinamento de Jesus não se limitou à orientação do povo daquela época. Os problemas humanos continuam os mesmos, já que têm origem no espírito imortal, e a instrução moral do Evangelho, que perdura junto à humanidade, lhe serve, ainda e sempre, de diretriz salvadora. Será que a nossa situação espiritual também está em perigo iminente? Em quê? Por quê? Como? A continuação do estudo da parábola nos esclarecerá.

O homem rico

É Deus, o Senhor de tudo o que existe. Muitas e importantes são as suas propriedades, os mundos habitados, as moradas espalhadas pelo vasto Universo que Ele criou. Uma delas é a Terra, mundo de provas e expiações, habitada por muitos servos seus, os espíritos encarnados.

O seu mordomo na Terra

É a espécie humana, que se sobrepõe a tudo e a todos, porque nela o princípio inteligente (criado por Deus e que anima todos os seres vivos) já se tornou um espírito (atingiu a escala humana). Mais desenvolvido, cômico de si mesmo, está capacitado a agir consciente e voluntariamente sobre seres e coisas.

Mordomos divinos de Deus na Terra! Eis o que somos nós, os seres humanos. Cada qual (segundo seu grau evolutivo) dispõe de coisas e seres e é por eles responsável, diante de Deus. Alguns respondem pelo governo de povos e nações, outros comandam grupos

sociais, dirigem religiões. Muitos respondem por uma família mas, no mínimo, cada um cuida ao menos de si mesmo, de seu corpo e de sua mente, da vida que possui.

É bom ser mordomo do Senhor na Terra. Ser humano, ser gente, é uma boa situação. Acarreta encargos e responsabilidades maiores, que os seres nas escalas inferiores não têm, mas o salário espiritual também é maior, pois se usufrui muito mais de tudo o que Deus criou. Exatamente como Jesus nos ensinou: *a cada um segundo suas obras* (Mateus 16:27) e *digno é o obreiro de seu salário* (Lucas 10:7).

A confiança de Deus em nós

O Senhor nos fez seus mordomos na Terra!... Entregou-nos a guarda e direção da vida neste planeta. Que grande prova de confiança! Ele sabe que estamos capacitados para isso, pois nos criou sensíveis, inteligentes e capazes de ação sobre coisas e seres.

Inspiradamente, Tagore escreveu “*As crianças são a prova de que Deus não perdeu a confiança nos homens*”, caso contrário, o Pai não continuaria a nos entregar, em corpos tenros e inteiramente dependentes de crianças, a vida de filhos seus e irmãos nossos.

E na parábola dos talentos, Jesus coloca que *um homem tendo de viajar, ausentando-se do país, confiou os seus bens aos seus servos e depois partiu*. Essa “ausência”, após haver entregado os bens, expressa o livre-arbítrio que Deus nos concede para agir na vida.

Com que liberdade agimos sobre os recursos que Deus coloca ao nosso alcance! É tanta, que até chegamos a nos sentir como donos...

Mas não somos! Os bens não são nossos e, sim, do Senhor. Apenas os estamos administrando, empossados neles de modo temporário e precário. O Senhor vai voltar e teremos de prestar contas!

Nossa função é a de mordomo: cuidar de seres e bens do Senhor, segundo a vontade e desígnios dele, procurando preservar e fazer render todo o possível para o bem geral nesta casa do Senhor, a Terra.

Temos feito isso? Estamos sendo mordomos fiéis? Ou usufruindo egoisticamente, em proveito próprio? Ou deixando sejam usados sem controle nem responsabilidade na área de nossa influência? Essa negligência e irresponsabilidade nossa como mordomos acarreta dissipação dos bens do Senhor, desordem em sua casa.

A denúncia

A parábola não diz quem denunciou ao senhor o mordomo infiel que lhe havia dissipado bens, mas, quanto a nós, espíritos, a lei de causa e efeito é que aponta tudo que fazemos ou deixamos de fazer, na Terra ou onde estivermos.

Pela repercussão de nossos atos na vida, sobre coisas e seres, Deus está “ouvindo” falar de nós! Se os atos são maus, o que está escutando de nós não é bom... Se maus ou omissos, pois não fazer o bem que se pode já é um mal.

Como o senhor na parábola chamou o mordomo denunciado, Deus também está nos chamando e pergunta: *Que é isto que ouço falar de ti?*

Deus nos chama e nos fala pela voz da consciência, nas instruções e apelos espirituais que nos vêm de encarnados ou não e, ainda, pelos efeitos que nossos atos estão causando em nós e naqueles que nos rodeiam.

Um mordomo prudente e fiel está sempre atento à prestação de contas que terá de

fazer, mantendo tudo anotado e correto. O mordomo infiel, invigilante, não presta atenção no que está acontecendo, faz ouvidos moucos aos reiterados sinais e avisos que lhe chegam e só percebe que a situação ficou difícil, quando recebe...

O ultimatum

Presta contas da tua mordomia, pois já não poderás ser mais meu mordomo.

O senhor pode nos tirar a mordomia, destituir-nos de encarregados seus neste mundo, fazendo-nos perder situações, haveres ou pessoas.

E há um *ultimatum* que todos, um dia, recebemos. É fatal, decisivo, não podemos evitar de receber e não temos como lhe resistir: é a morte, a desencarnação, que nos desapossa inteiramente de toda mordomia terrena.

Se Deus não a tirasse de nós, continuaríamos usando abusiva e irresponsavelmente os bens da vida, sem querer prestar contas, de nada, a ninguém, nunca! Por isso mesmo, em nosso atual estado evolutivo, a morte física, a desencarnação, é uma imposição necessária e providencial, periódico e obrigatório “balanço”, para que revisemos, reajustemos, renovemos nosso modo de ser e agir.

Com Jesus, isso não precisa acontecer: *Por isto o Pai me ama, porque dou a minha vida para tornar a tomá-la. Ninguém me tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho o poder para a dar e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.* (João 10:17/18) Deus nunca precisa tirar de Jesus a mordomia na Terra ou no plano espiritual porque Jesus emprega sua vida em que, como e quando a lei de Deus o quer.

Para o mordomo fiel, a obrigatória prestação de contas é um processo natural e tranquilo, sem sustos ou aflições. Deus o acha fiel. Empregou bem seus encargos e poderes, portanto, eles não lhe são retirados, é mantido neles na vida espiritual ou pela reencarnação; e ainda lhe são confiados novos bens e oportunidades, como confirma a parábola dos talentos: *Sobre o pouco foste fiel, sobre o muito te colocarei.*

Mas como fica o mordomo infiel, quando a morte o desaloja dos bens e encargos terrenos? Nada construiu de bom espiritualmente, fica sem perspectivas boas de futuro, tanto para a vida no plano espiritual como em relação à sua próxima reencarnação.

E se ficarmos nessa triste situação, como o infiel mordomo, o mau administrador da parábola? Para ele, achávamos: errou, que se cumpra a justiça divina! Para nós, pedimos: misericórdia!

Que hei de fazer?

Como enfrentarmos a situação? Tentar negar, refutar as acusações? Tolice. São verdadeiras. Por descuido ou má-fé, dissipamos mesmo.

O mordomo infiel não perdeu tempo procurando inutilmente se desculpar. Em vez disso, examinou as possibilidades reais de saída.

Quando desalojados deste mundo pela desencarnação, quais as nossas possíveis alternativas? Será que iremos:

Lavrar a terra?

Enfrentar situações mais primitivas e rudes, como, por exemplo:

Ao desencarnar, ficarmos presos no umbral inferior, região fluídica habitada por

espíritos sofredores ou maus;

Ou, ao reencarnar: nascer com enfermidades, limitações físicas; ao abandono de família; na miséria; no idiotismo; em local inóspito, como as geleiras, os desertos, a selva... Se bem que, a reencarnação é sempre uma bênção e, onde quer que estejamos, como e com quem estivermos, sempre é possível viver, progredir, construir um futuro melhor. Mas, ante tudo de que hoje desfrutamos, acostumados a atividades melhores, recursos maiores, não nos será fácil viver nessas outras condições, nos sentiremos despreparados, é uma alternativa que não nos agrada.

Mendigar?

Agora, dispomos de muitos recursos materiais e espirituais e com eles, dentro da vida e em nome de Deus: decidimos, realizamos, coordenamos, distribuímos. E se viermos a ficar em carência espiritual, na dependência de outros para existir e sobreviver? Que vergonha!

Se bem que, se isso vier a nos acontecer (e para alguns já pode ter acontecido nesta reencarnação) o melhor é: enfrentar com humildade, resignação e coragem, procurando nos recuperarmos, para, no futuro, voltarmos a fazer jus à situação e funções de mordomo espiritual.

Mas, apesar de já avisados a respeito pelo Senhor, ainda não morremos (a desencarnação ainda não se deu), ainda somos mordomos (mesmo que infiéis), ainda desfrutamos de certas condições neste mundo, temos a chance de acharmos outra saída (uma solução melhor) e exclamar, como o mordomo da parábola...

Já sei o que hei de fazer!

Qual a solução encontrada por ele? Chamou a si os devedores de seu senhor. Eram pessoas que também dependiam do senhor para viver e dele haviam recebido azeite e trigo, combustível e alimento (simbolizando o indispensável para a sustentação e sobrevivência do ser) e ainda não haviam pago, continuando em débito.

Chamou-os separadamente, discretamente, um a um, para uma conversa amiga, informando- dos débitos de cada um.

Para quê? A fim de permitir que os diminuíssem. Podia fazê-lo? Sim, pois ainda estava na função de mordomo.

Que ganhou, agindo assim? Granjeou amigos que, quando ele fosse desalojado da mordomia, o ajudariam a sobreviver.

Que esperto! Mas não agiu por bondade e sim, por interesse pessoal... Não obstante, os que foram beneficiados, sentindo-se aliviados em suas dívidas, ficaram gratos ao mordomo e sentindo-se seus amigos.

Espíritos encarnados na Terra, estamos na situação de mordomos dos muitos recursos que Deus nos confiou.

Deveríamos estar cuidando bem de tudo para que houvesse boas condições e progresso para todos. Em vez disso, temos sido negligentes e infiéis.

Avisos? Já recebemos muitos do Senhor, através dos recursos

usuais: a voz da consciência, os efeitos de nossos atos, as instruções e apelos para o bem. O mais forte, contudo, é a certeza de que um dia desencarnaremos e teremos de prestar contas de tudo. E a desencarnação pode acontecer logo, hoje! Pensando nisso, como reagimos? Temos medo ante o que dizemos ser o desconhecido, mas em verdade não o é; tristeza porque teremos de deixar a vida corpórea com tudo que nela nos agrada; desânimo diante do inevitável da desencarnação, mas sem nada fazermos de útil, válido e positivo para mudar a situação.

Lembremos da solução encontrada pelo mordomo infiel e entendamos bem o conselho de Jesus...



Granjeai amigos com as riquezas da iniquidade

Quais são elas? Quase tudo na vida, as situações, bens e poderes neste mundo são riquezas da iniquidade, porque injustas, pois, embora as tenhamos e desfrutemos, espiritualmente não fizemos por merecer. Ou são concessões divinas como empréstimos, adiantamentos de condições espirituais, ou situações ensejadas por circunstâncias da vida terrena que, bem sabemos, nem sempre são justas e lícitas perante Deus. Portanto, quase tudo que temos ou de que dispomos não é justo. Mas com tais riquezas, bens e situações, mesmo imerecidos, como e quanto podemos ajudar aos nossos semelhantes!

Mordomos infiéis, convém nos interessemos pelos nossos semelhantes. Como nós, também devem a Deus, pois todos recebemos do Pai muitos recursos e bênçãos, valores maiores e mais fundamentais para a vida da alma do que o azeite e o trigo são para a vida do corpo. E nenhum de nós pagou ainda ao Criador tantas bênçãos, pois, não produzimos de acordo com o que recebemos, não retribuímos devidamente o investimento divino em nós.

Interessemos-nos, principalmente, em favor daqueles por quem somos mais diretamente responsáveis diante de Deus: família, grupo religioso, social. Discreta e fraternalmente, procuremos saber de seus débitos para com Deus, de sua situação espiritual, e, com os recursos de que ainda dispomos, o que sabemos e podemos neste mundo, diminuamos esses problemas, suavizemos suas dores! Assim, mesmo sendo mordomos infiéis, não tendo sabido administrar direito os bens da vida, tendo feito ou permitido a dissipação nos bens do Senhor estavam sob nossa guarda, beneficiaremos pessoas e granjearmos sua amizade com essas riquezas e possibilidades

imerecidas. E, quando essas riquezas, recursos ou possibilidades de que dispomos, nos faltarem de todo (e vão faltar, mesmo, pois desencarnando, seremos desalojados da nossa mordomia), não ficaremos desamparados: aqueles a quem ajudamos, e por isso, se tornaram nossos amigos, nos receberão *nos tabernáculos eternos*, nos acolherão em seu coração, no campo do sentimento, em seu espírito imortal.

É a solução da ajuda mútua, do amor fraterno, o investimento na caridade, a “poupança” espiritual. Deus quer que nos amemos uns aos outros. Ajudar é amar. Ajudemo-nos mutuamente.

Temos agido assim? Apesar dos avisos divinos, perdemos tempo e oportunidades sem nada fazermos de concreto, de efetivo, para melhorar nossa situação espiritual ante a vida. E poderíamos fazê-lo, simplesmente sendo fraternos, caridosos!

Mais prudentes que os filhos da luz

Por isso Jesus nos diz que *os filhos deste mundo* (os materialistas) *são mais prudentes em sua geração*, em relação à vida terrena, seus negócios e interesses materiais, são mais atilados, agem com mais previsão e maior empenho do que *os filhos da luz* (os espiritualistas) o fazem, em relação aos seus interesses da vida imortal.

Apesar de saber que estamos em situação tão aflitiva e premente como a do mordomo infiel da parábola (faltosos e chamados, em breve, a prestar contas), não procuramos solucionar nosso problema espiritual com tanto empenho, inteligência e presteza, como os materialistas o fazem em relação às coisas do mundo terreno.

E ainda afirma Jesus, ao final:

Quem é fiel no mínimo, também é fiel. no muito; quem é injusto no mínimo, também é injusto no muito.

Mínimo é o que é material e muito*, o que é espiritual. Quem não controla e dirige o pouco, não pode, não sabe, administrar nem dirigir o muito. Primeiro recebemos: bens materiais, encargos menores, pequenas oportunidades para ensaiarmos nossa atividade espiritual, demonstrarmos nossa capacidade de ação boa, acertada.

Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?

Se nem os bens, as oportunidades materiais, da vida terrena (que são as riquezas injustas e mínimas), soubermos utilizar com fidelidade (em prol da vida espiritual) como nos confiarão as riquezas verdadeiras, os bens do espírito para gerirmos e cuidarmos?

E se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?

Quando o bem é alheio, toma-se mais cuidado em utilizá-lo, do que com os bens que nos pertencem, porque dele devemos prestar contas. No que é nosso* agimos mais à vontade, com menos preocupação. Ora, se no alheio não temos cuidado, se, nos bens e oportunidades que Deus nos emprestou não agimos com responsabilidade, como nos

entregarão o que será nosso em definitivo, os bens e as possibilidades espirituais, que serão para usarmos com toda a liberdade e sempre? A filho esbanjador com o que lhe damos agora, confiaremos logo toda a sua herança?

Desejamos ser dignos de bens maiores? Administremos com fidelidade (usemos com acerto) os que temos em mãos agora, assim testemunhando que estamos aptos a coisas maiores.

Não temos sido fiéis? Apressemos-nos em nos interessar pelos que também devem a Deus: os nossos semelhantes! Ajudemo-los a reconhecerem seus débitos, a entenderem no que estão errados, explicando-lhes as leis divinas.

E, com o melhor sentimento de caridade, ajudemo-los a suportarem ou superarem suas dificuldades e, também, a corrigirem o rumo de suas vidas.

Diminuamos as dores dos que sofrem, os problemas dos que erram, suavizando um pouco a situação deles perante a lei divina.

Certamente, entre eles e nós, se estabelecerão laços de amizade e confiança, o afeto puro com que também nos acolherão em nossas necessidades, aqui ou no Além.

Mas façamos isto rápido, enquanto temos autoridade, poder e bens, possibilidades concedidas por Deus, ensejadas por esta reencarnação, *antes que o Senhor nos tire a mordomia*.

É inegável que temos sido mordomos infiéis, maus administradores dos bens da vida, mas Jesus nos ensinou que no amor ao próximo está a esperança legítima e a inabalável certeza de conseguirmos equilibrar as nossas contas na contabilidade divina.

Fora da caridade, não há salvação.

Para uma Vida Saudável

Cap. 27 (104)

Donizete Pinheiro

LEALDADE



NO CONCEITO HUMANO, leal é o amigo ou companheiro com o qual se pode contar a qualquer momento e em qualquer situação; é quem compartilha determinados ideais e sustenta-os a todo custo, até com o risco da própria vida.

A lealdade, porém, como virtude, tem conceito superior. Se pressupõe firme adesão a princípios ou pessoas, caminha com a verdade e não se aparta do bem. Revela-se na constância dos sentimentos elevados, na vivência permanente dos propósitos mais nobres.

Por isso, é antecipada pela honestidade, a coragem e o companheirismo, que guardam a verdade e o destemor na defesa do ideal. Pede dedicação e disciplina na vivência e no cumprimento dos compromissos e tarefas; às vezes, obediência, quando reconhece a superioridade do companheiro. Favorece a amizade e com esta mais se desenvolve, porque há reciprocidade, confiança e um relacionamento seguro e feliz.

Quando ainda crianças espirituais, bandeamos de um grupo para outro e substituímos os companheiros com grande facilidade, porquanto a imaturidade nos impede de distinguir perfeitamente o certo e o errado. Imperam, nessa fase, os nossos

próprios interesses, e por isso nos afastamos dos amigos que não satisfazem as nossas vontades. Não somos fiéis nem a nós mesmos, mostrando-nos instáveis nos sentimentos e nos desejos: ora queremos uma coisa, ora outra; num momento amamos, e noutra estamos odiando.

Só o amadurecimento é que conduzirá à segurança emocional, permitindo-nos sustentar apenas aquilo que for verdadeiramente bom. Teremos então adquirido a coragem de dizer não, quando nos cobrarem lealdade em conúbio ilícito, resguardando-nos da queda e alertando o companheiro da atitude indevida, ainda que este não aceite nossas ponderações e rompa o relacionamento.

Nesse ponto é que se diferencia da fidelidade, pois a lealdade sempre será para o bem - virtude que é - ao passo que a fidelidade pode ocorrer numa relação imoral ou de submissão. Também é possível que haja uma fidelidade física e uma deslealdade emocional e mental, quando seguimos juntos cumprindo um compromisso ou mantendo um relacionamento, por qualquer tipo de injunção, mas no íntimo não comungamos o mesmo ideal ou sentimento.

O rompimento das relações sinceras provoca tristeza na pessoa leal, mas não a impede de prosseguir na sua jornada, perdendo e se perdendo, porque compreende que somos todos imperfeitos e aprendizes do bem, com liberdade de escolher os próprios caminhos. Ademais, avançando sempre no processo evolutivo da virtude e do pensamento, muitas vezes deixamos uma crença ou um ideal para abraçarmos outro, sem que isso signifique traição ou deslealdade no sentido espiritual.

A conquista dessa virtude, pois, principia por sermos fiéis à nossa própria consciência, aos nossos princípios e convicções, agindo sempre dentro dos limites por ela demarcados. A consciência é amiga que conforta e dá paz, mas igualmente nos cobra os deslizes, tendo o arrependimento por meirinho.

Desenvolve-se, a lealdade, com o respeito que dedicamos ao próximo aceitando-lhe o modo de pensar, de ser e de viver; com a sinceridade capaz de emitir opiniões, sem traição ou maledicência; e com a solidariedade, que estabelece o companheirismo nas alegrias e, principalmente, nas dificuldades.

Mas só se completará quando, a despeito de todos os chamamentos do mal, permanecermos corajosamente defendendo o bem e vivendo com dignidade as leis divinas.